

**A INSERÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL:
APRENDENDO UMA SEGUNDA LÍNGUA**

**THE INSERTION OF THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE IN ELEMENTARY EDUCATION:
LEARNING A SECOND LANGUAGE**

Sabrina da Silva Nascimento¹

¹ Pedagoga- Jaú- SP- Brasil.

sabrina.godoi1608@gmail.com

Viviane Rodrigues²

² Professora das Faculdades Integradas de Jaú e do Centro Universitário Sagrado Coração.

Lençóis Paulista- SP- Brasil

viviane_reb@hotmail.com

Data de envio: 18/08/2021

Data de aceite: 20/02/2022

RESUMO

O tema central desta pesquisa refere-se à importância do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para os alunos ouvintes em escolas regulares do ensino fundamental, assegurando o direito de inclusão dos surdos no ambiente escolar, partindo do princípio de que é por meio da Libras que o surdo interage e se expressa na sociedade. A oficialização da Libras foi conquistada legalmente em nosso país como resultado dos inúmeros movimentos e lutas das pessoas surdas brasileiras. Dessa forma, este estudo tem como objetivo compreender, a partir da literatura, artigos científicos acerca da importância da aprendizagem da Libras por alunos ouvintes que frequentam as escolas regulares do ensino fundamental. Para a realização do estudo, foram utilizadas quatro etapas: 1- Busca de bibliografia em bases de dados; 2- Após o levantamento, foram realizadas leituras; 3- Os artigos científicos que apresentavam estudos correspondentes ao tema central da pesquisa foram separados para análise. 4- Após a análise, apenas três artigos correspondiam ao objetivo da pesquisa. Os estudos excluídos não apresentaram dados concretos e práticas do ensino de Libras aos ouvintes. Como resultados, pode-se compreender que o ensino de Libras para os ouvintes não apenas garante a inclusão nas escolas, mas proporciona um ambiente acolhedor, democrático e dinâmico entre alunos e professores. Dessa forma, acredita-se que há a necessidade de propostas educacionais que possam atender às necessidades de todos os educandos, possibilitando maior autonomia e promovendo comunicação e interação entre todos, contribuindo para aprendizagem.

Palavras-chave: Libras. Ouvintes. Inclusão Escolar.

ABSTRACT

The core theme of this research is the importance of teaching the Brazilian Sign Language to students with normal hearing attending regular elementary schools to ensure the right to include the deaf in the school environment, assuming that it is through the Brazilian Sign Language that the deaf interacts and expresses themselves in society. The officialization of the Brazilian Sign Language was legally achieved in our country due to numerous movements and struggles of the Brazilian deaf people. Thus, this study aims to understand, from literature and scientific articles, the importance of students with normal hearing who attend regular elementary schools learning the Brazilian Sign Language. Four steps were followed in the study: 1- Bibliographic search on databases; 2- Reading articles; 3- Choosing scientific papers presenting research corresponding to the core theme of the research. 4- After the analysis, only three papers matched the research objective. Excluded studies did not present concrete data or practices on teaching the Brazilian Sign Language to students with normal hearing. As a result, it is possible to understand that teaching the Brazilian Sign Language to students with normal hearing not only guarantees inclusion in schools, but also provides a welcoming, democratic, and dynamic environment between students and teachers. Thus, it is believed that there is a need for educational proposals that can meet the needs of all students, enabling greater autonomy and promoting communication and interaction between all, contributing to the learning process.

Keywords: Brazilian Sign Language. Hearing Students. School Inclusion.

INTRODUÇÃO

A educação dos surdos no Brasil, assim como na maior parte do mundo, “recebeu forte influência da resolução tomada pelo Congresso de Milão (1880), ou seja, o da obrigatoriedade do oralismo como método de educação dos surdos” (SANTOS, 2010, p. 10). Apesar da influência do Congresso de Milão, “o uso do método oralista só chega ao Brasil em 1957 a partir do gerenciamento do Instituto através da professora Ana Rímoli de Faria Doria”. O que se compreende é que a partir da inserção do método oralista “o uso da Libras é terminantemente proibido no contexto escolar e outras medidas foram tomadas para que os surdos não usassem a língua de sinais” (SANTOS, 2010, p. 4). Entre as medidas tomadas para a contenção do uso da Libras, sabe-se que, por meio do contexto histórico, teve-se a iniciativa de separar os alunos mais velhos (usuários da língua de sinais) dos recém-chegados ao Instituto (SANTOS, 2010, p. 4).

A literatura mostra que as comunidades surdas no Brasil têm uma história que vem de longa data. Por essa razão, pode-se afirmar que a população surda brasileira deixou

muitas tradições e histórias em suas organizações. Dentro desse contexto, compreende que no início:

As associações de surdos tinham exclusivamente o objetivo de natureza social e devido ao baixo padrão de vida no século XVIII. Sendo assim, os sujeitos surdos tinham a finalidade de ajudar uns aos outros em caso de doença, morte e desemprego e, além disso, as associações se propunham a fornecer informações e incentivos através de conferências e entretenimentos relevantes (STROBEL, 2009, p. 42).

Em conformidade com a afirmação de Strobel (2009, p. 43) de que “a comunidade surda tem vivido momentos de grandes conquistas, onde grupos socialmente excluídos estão ganhando paulatinamente mais força e espaço”. Graças a esses momentos, pode se afirmar com precisão que as comunidades atuais estão elevando seus esforços para garantir sua cidadania. Muitas leis estão constantemente sendo aprovadas pelo Congresso Nacional para dar suporte legal priorizando a inclusão e a promoção humana a partir do direito de ser diferente no contexto da sociedade brasileira.

Segundo Schlunzen *et al.* (2012, p. 52) “em 1857, foi fundada a primeira escola para pessoas surdas no Brasil, o Instituto dos Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES)”. Apesar de sua comemorada implantação em solo brasileiro, os autores são enfáticos em afirmar que o contexto histórico mostra que “o acesso a essa Instituição por muito tempo foi restrito, pois as meninas surdas não podiam frequentar o Instituto por serem consideradas tranquilas e obedientes às famílias. Assim, inicialmente INES tornou-se uma escola somente para meninos” (SCHLUNZEN *et al.*, 2012, p. 52). Foi criado em meados do século XIX por iniciativa do surdo francês Ernest Huet, durante o império de Dom Pedro II.

De acordo com Jessus (2015, p. 179-180), no início da década de 90 do século passado, tentando seguir orientações de caráter mundial, o INES optou por estabelecer que “o método oral puro fosse adotado em todas as disciplinas da escola”. Na concepção do autor, apesar de sua tendência mundial, esse método não obteve grandes resultados. A diretora da escola Ana Rimola de Faria Doria proibiu oficialmente a língua de sinais na sala de aula. Contudo, apesar das proibições, a língua de sinais sempre foi usada pelos alunos às escondidas.

Destarte, o autor acima afirma ainda já no final dos anos 70, a Comunicação Total passou a ser utilizada no Brasil e, em 1980, com base nas pesquisas da linguista Lucinda Ferreira Brito, começou-se a estudar sobre a Língua de Sinais. Graças a todos os investimentos então realizados, a história revela que a pessoa surda “não é incapaz de aprender, mas necessita utilizar uma língua própria que o auxilie na aprendizagem” (BRITO, 1993, p. 110). Dessa forma, começa no Brasil o Bilinguismo, com base nas pesquisas da

professora citada anteriormente, sobre a Língua Brasileira de Sinais. Essa abordagem propõe que sejam ensinadas duas línguas, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e secundariamente, a língua portuguesa escrita a ser adquirida. Segundo Lacerda (1998), o Bilinguismo é considerado um canal visuogestual de suma importância para aquisição da Libras e se contrapõe ao Oralismo e à Comunicação Total. A autora defende a efetividade da Língua de Sinais, advogando dessa forma que “cada uma das línguas apresentadas aos surdos mantenha suas características próprias e que não se misture uma com a outra” (LACERDA, 1998, p. 73).

Nesse sentido, defende-se a abordagem bilíngue, uma vez que defende que estes sujeitos devem interagir com interlocutores usuários da Libras “o mais precocemente possível, identificada como uma língua passível de ser desenvolvida sem que sejam necessários condições especiais de aprendizagem” (LACERDA, 1998, p. 73). E assim considera também que a língua da comunidade ouvinte na qual o surdo está inserido, oral e/ou escrita, seja ensinada a este tendo como subsídios os conhecimentos adquiridos pela Libras.

Nas últimas décadas, as políticas públicas educacionais apontam para construção de escolas de qualidade para todos. Segundo Nono (2009), vem sendo observada no Brasil a expansão da educação, em termos da legislação brasileira, a Constituição Federal de 1988 reconhece o dever do Estado e o direito do educando a frequentar a escola. Essa ampliação da educação brasileira, atingiu também as pessoas com deficiência e universalizou o acesso à educação. Uma escola inclusiva não se refere apenas a um grupo específico, mas inclui todos os alunos no âmbito da diversidade.

Do ponto de vista histórico, a educação esteve sob responsabilidade exclusiva da família durante séculos, pois era no convívio com os adultos e com outras pessoas que ambos participavam das tradições e aprendiam as normas e regras da sua cultura. Com relação à história da educação da pessoa com deficiência, esta sempre foi marcada pela exclusão social. A análise feita por Jesus (2015) apontou que há 400 anos, apenas 2% da população era escolarizada e a educação do deficiente praticamente não existia. A educação dessas pessoas, em especial dos surdos, por conta de sua comunicação, era voltada para uma educação baseada na aprendizagem de trabalhos manuais, objetivando a subsistência para que no futuro não dependessem do auxílio do Estado. Esse conceito de deficiência perdurou até meados de 1930, quando foi gradativamente substituído pela proposta educacional. Com a evolução do processo educacional, sabe-se que durante muitos anos os alunos surdos ficavam nas “classes especiais” dentro das escolas regulares ou frequentaram escolas especiais. Porém, com a proposta de inclusão escolar, iniciada na década de 90, foram incluídos nas salas de aula regulares, no entanto, sem o auxílio que necessitavam para desenvolvimento pleno da aprendizagem.

Nesse contexto, há em nosso país muitas pessoas com distúrbios relacionados à audição e à linguagem. Em detrimento da surdez, uma das maiores barreiras no contexto educacional se refere à aspectos comunicativos. Justamente neste âmbito, evidencia-se o uso da Língua Brasileira de Sinais pelas pessoas surdas. Os surdos buscam, por meio da Libras, estabelecer suas relações uns com os outros, de modo que possam se comunicar e interagir na sociedade, ou seja, esta é usada como uma língua própria para estabelecer a comunicação, de forma a garantir o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. Uma vez que o surdo se apropria da língua de sinais na mesma proporção que o ouvinte adquirir a língua oral, não haverá prejuízos no desenvolvimento da linguagem, ou seja, deve ser estimulada precocemente, a fim de que sua linguagem não se comprometa futuramente eliminando todas as barreiras que dela se originarem.

A oficialização da Libras ocorreu pela Lei 10.439 de 24 de abril de 2002 e por meio do Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que oportunizaram aos surdos o acesso à sua língua materna. Essa legislação são exemplos de conquistas e resultados dos inúmeros movimentos de lutas das pessoas surdas brasileiras. E a presença do tradutor/intérprete de Língua de Sinais em espaços sociais diversos, públicos ou privados é uma das garantias citadas nesse Decreto (KALATAI; STREINCHEN, 2012).

Conforme o Decreto nº 5.626/2005 e a Lei nº 10.436/2002, que oficializa a Libras no país como meio de comunicação e expressão das pessoas surdas, a proposta bilíngue se inicia na Educação Infantil, com o ensino de Libras para as crianças surdas e da Língua Portuguesa como segunda língua. Nessa etapa, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os alunos deverão estar incluídos em classes ou escolas bilíngues, com professores bilíngues, espaço em que “a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (BRASIL, 2005). É necessário, que o surdo seja matriculado e frequente a escola desde a educação infantil, ampliando as possibilidades de acesso à língua de sinais e ter um desenvolvimento mais completo. No entanto, apesar da relevância deste nível educacional e de estar previsto na legislação que os processos educacionais devem ter início a partir deste nível de ensino, sabe-se que ainda são poucas as experiências educacionais voltadas para os surdos.

Diante desse panorama, construir escolas inclusivas para um grupo de pessoas que possui uma língua diferenciada e própria não parece ser uma tarefa fácil, mas a educação precisa ser revisada para melhor atender a todos. Mendes e Mendes (2011) propõe que o pedagogo e toda a comunidade escolar devem intervir na questão de igualdade e qualidade no ensino a esses alunos que necessitam de um currículo próprio e um planejamento diferenciado em que o professor utiliza de metodologias diversificadas para a aprendizagem dos mesmos (LOBO, 2013). Tais atividades perpassam pela figura do professor, que orienta estas ações e fazem a mediação e direcionamento destas práticas.

Há muitas pessoas com deficiência auditiva, e um dos maiores comprometimentos relacionados a surdez, especificamente no contexto educacional, e o aspecto comunicativo, nesse âmbito, evidencia-se o uso da Libras. O surdo aprende principalmente por meio da esfera visual e, para as pessoas com graus severo e/ou profundo de deficiência auditiva/surdez a comunicação e o aprendizado acontecem majoritariamente por meio da Língua de Sinais (GESSER, 2012). É por meio das Libras que o surdo estabelece relações uns com os outros, desse modo podem se comunicar e interagir na sociedade, assim garante o desenvolvimento intelectual e social. É de grande significado para seu desenvolvimento que o surdo tenha contato com sua língua materna o mais cedo possível.

A Libras tem a mesma função para os surdos que a Língua Portuguesa na modalidade oral para os ouvintes, pois, é por meio da língua que podemos nos comunicar, expressar sentimentos e desejos, possibilitando que alcançamos nossos objetivos sociais. É dentro da escola que o processo para o desenvolvimento, e a construção das estruturas de pensamentos, promovem a formação social do indivíduo e da sua personalidade, dessa forma estabelecer um ambiente escolar inclusivo permite aos alunos uma troca de experiências fundamentais para o desenvolvimento humano.

A inclusão no ambiente escolar vai além dos diretos estabelecidos pela Lei, pois proporciona aos educandos um espaço democrático e dinâmico, a fim de estabelecer comunicação/conhecimento a todos os alunos. A inclusão deve ser vista como um movimento bilateral onde ambos precisam se adaptar. A educação inclusiva nas escolas é para todos os alunos, onde se desenvolvem e aprendem juntos, cada um com suas necessidades específicas. Cabe a toda equipe escolar oferecer as melhores condições e oportunidade de aprendizagem para todos os alunos, e neste caso, os surdos, a fim de que aprendam de modo significativo. Dessa forma, torna-se importante o ensino de Libras para os ouvintes, uma vez que este é o principal canal comunicativo dos surdos. Portanto as escolas devem aprimorar seus conhecimentos para que o desenvolvimento e o processo de ensino-aprendizagem se concretizem entre todos os educandos.

Em vista desses apontamentos, ressalta-se que o objetivo geral deste trabalho foi analisar e compreender, a partir da literatura, a importância da aprendizagem da Libras (Língua Brasileira de Sinais) para os alunos ouvintes das escolas regulares de ensino fundamental. Em relação aos objetivos específicos o estudo pretendeu revisar a literatura acerca do tema a ser estudado, analisar a importância da aprendizagem da língua brasileira de sinais para os ouvintes, caracterizar a importância do uso da Libras na comunicação entre os ouvintes e surdos no ambiente educacional.

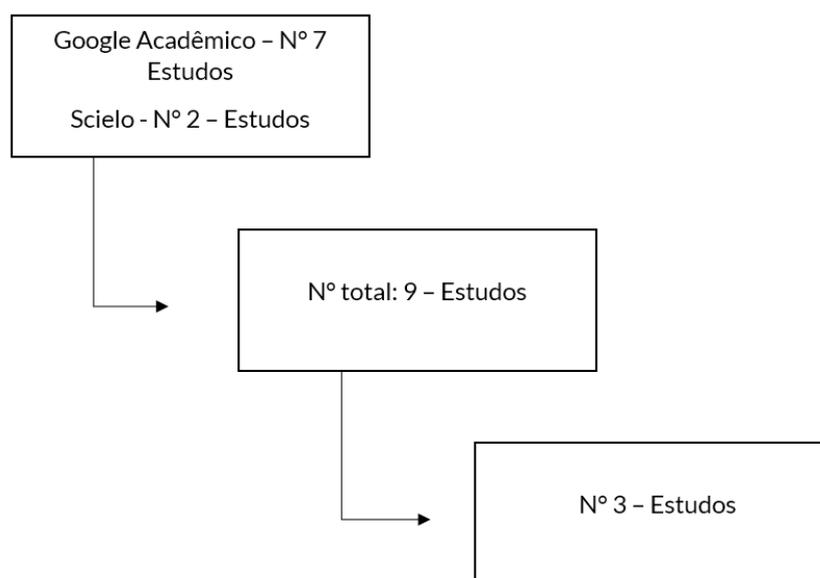
MÉTODO

Para este estudo foi utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, por meio de um levantamento de fontes e argumentos que comprovem o assunto e a problematização a ser discutida e estudada. Marconi e Lakatos (2007, p. 43) definem metodologia como “um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permitem descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento”.

Para a realização do estudo, foram utilizadas quatro etapas:

1. Busca de coletas bibliográficas nas bases de dados: Google Acadêmico e Scielo
2. Após o levantamento de fontes bibliográficas, foram realizadas leituras.
3. Os artigos científicos que apresentavam os estudos correspondente ao tema central da pesquisa, foram separados para análise.
4. Após a análise, apenas três artigos correspondiam ao objetivo da pesquisa. Os estudos excluídos não apresentaram dados concretos e práticas do ensino de Libras aos ouvintes.

Figura 1- Busca dos estudos na base de dados



Fonte: elaboração própria.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos observar abaixo, a descrição dos estudos, que foram separados para a elaboração desse artigo, envolvendo o ensino de Libras para os alunos ouvintes.

Quadro 1- Análise dos estudos selecionados

Autor	Descrição
Isidorio (2017)	“as aulas aconteciam no Programa Mais Educação do MEC, uma vez por semana. As avaliações dos alunos foram através de observação, mudanças de comportamento e uso de língua de sinais. As crianças já possuíam um conhecimento breve sobre língua de sinais, o que foi de grande valia para aprendizagem da mesma. Os alunos não apresentaram o bilinguismo expressivamente, contudo, demonstraram aprendizagem da língua de sinais, além disso, houve uma socialização entre crianças surdas e ouvintes e a utilização mais habitual da Libras entre eles”.
Valadão; Rodrigues, Lourenço e Reis (2016)	“descrever e analisar o processo de ensino e aprendizagem da Libras vivenciado por crianças ouvintes de uma escola, respaldado nos princípios da abordagem comunicativa”.
Lacerda e Morais (2013)	“foi criado um projeto de ensino de LIBRAS, como segunda língua, para as crianças ouvintes. O projeto foi elaborado com a intenção de qualificar as interações da turma com a criança surda e, dessa forma, proporcionar às crianças ouvintes a aprendizagem de uma segunda língua. Além disso, o ensino da língua de LIBRAS teve também o objetivo de sensibilizar as crianças quanto as diferenças e incentivá-las a utilizar a língua de LIBRAS no cotidiano da turma. A proposta pedagógica do projeto pautou-se na releitura do poema de Dulce”

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Dizeu e Caporali (2005, p. 584) “a discussão sobre a surdez, educação e língua de sinais vem sendo ampliada nos últimos anos por profissionais envolvidos com a educação de surdos, como também pela própria comunidade surda”. Dentro da visão desses autores “a educação e inserção social dos surdos constituem em sério problema, e muitos caminhos têm sido seguidos na busca de uma solução”, e a Libras tem sido uma forma de contribuir para que sejam, então, inseridos socialmente e sejam respeitados os seus valores.

Nesse sentido, advoga-se esta abordagem o primeiro estudo do autor Isidorio (2017) O presente trabalho científico teve como base para investigação a observação participante e avaliação individual, ou seja, o pesquisador aplicou todas as aulas e avaliou para analisar as mudanças de comportamento dos alunos em relação ao uso de língua de

sinais. Os participantes eram alunos matriculados no Programa Mais Educação, as aulas aconteciam uma (01) vez por semana, com duração de uma hora e trinta minutos e o programa atendia cerca de 50 alunos.

Para que as aulas de Libras acontecessem de maneira produtiva foram separadas em duas turmas da seguinte forma: 1ª Turma: 2º e 3º ano, 2ª Turma: 4º e 5º ano, com alunos entre 7 a 12 anos. A metodologia usada para a execução do curso de Libras foram aulas dividida em três partes primeira parte um momento sobre a comunidade surda, aspectos linguísticos e gramática da Libras, a segunda para o ensino de sinais divididos por tema/assunto e a terceira em criação de diálogos, dinâmicas e em atividades que exigiam memorização. Foram no total 20 aulas, totalizando 30 horas/aula. Para o processo de avaliação foi efetivado, através da observação dos alunos durante as aulas, a participação nas diferentes tarefas e na motivação na execução de sinais quando era proposto.

O autor Isidorio (2017) relata que o curso de Libras para crianças ouvintes ocorreu em uma escola municipal na cidade de Ipatinga/MG, todas as crianças apresentaram uma boa aceitação e curiosidade para aprender uma segunda língua. Durante o curso, as crianças participaram efetivamente das aulas, apresentaram aspectos positivos de aprendizagem. Observou-se também que a maioria dos alunos se aproximou dos surdos, confirmando a hipótese de que a língua é uma barreira na comunicação, contudo houve o aumento do uso da Libras dentro da sala de aula, de uma maneira mais habitual, tornando a comunicação mais efetiva entre todos, mesmo as crianças ouvintes comunicando de forma oral entre si realizavam sinais. Outro aspecto importante que o autor do estudo observou, é a importância de utilizar materiais diferenciados como por exemplo jogos, dinâmicas e atividades práticas.

Segundo os autores Pimentel e Sabino (2013, p. 5), o uso de jogos e brincadeiras no ensino de Libras pelo professor pode favorecer “situações educacionais que permitem que os mesmos sejam fundamentais, para que o educando assimile sua realidade intelectual, impedindo que essas permaneçam exteriores à sua própria inteligência”. Além disso, os jogos e brincadeiras desenvolvem aspectos linguísticos, cognitivo, psicomotor, intelectual, e sociocultural, tanto nas crianças surdas como nas ouvintes, é importante que o professor utilize dessas metodologias variadas, para uma aprendizagem mais significativa.

Segundo o autor Isidorio (2017), ao final do curso de Libras, as crianças sabiam executar sinais próprios, a apresentação pessoal e sinais básicos do cotidiano, além dos termos de comunicação da língua de sinais. Uma observação é que as crianças não apresentaram a forma expressiva do bilinguismo. O autor relata que “o estudo teve limitações, uma delas é a falta de material didático. As línguas de sinais utilizam de características espaço-visual necessitando, de material multimídia para explorar todos os parâmetros” (ISIDORIO, 2017, p. 15). De acordo com Almeida e Almeida (2012, p. 318), “as principais

características da Libras é a modalidade visuoespacial, diferente da modalidade oral-auditiva atualizada nas línguas orais. Ressalta-se que na Libras é forte a motivação icônica, ou seja, unidades gestuais chamam de significante e outro representante icônico significado, assim, conclui que os sinais reproduzem imagem do traço significado”.

No segundo estudo científico, os autores Valadão *et al.* (2016) notaram observações expressivas sobre aprendizagem da Libras aos alunos ouvintes. O intuito do trabalho era analisar e descrever o processo de ensino e aprendizagem de Libras para crianças ouvintes de uma escola com caráter inclusivo. Este estudo teve como característica uma pesquisa analítico-descritiva de uma abordagem qualitativa. Em relação às técnicas de coleta de dados foram utilizados diários de campo, observação dos participantes e gravações de vídeos. O curso de Libras aconteceu em uma escola educacional em Viçosa, no estado de Minas Gerais, que oferece o ensino fundamental. Os participantes da pesquisa foram alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental que frequentavam o período matutino. O curso de Libras ocorreu na própria escola e foi oferecido pelo departamento de Letras da UFV durante oito meses, perfazendo um total de 30 horas. O número de discentes por turma variou de acordo com a seguinte distribuição: 1º ano: 8 alunos, 2º ano: 16, 3º ano A: 16, 3º ano B: 15, 4º ano A: 17, 4º ano B: 18 e 5º ano: 23 discentes. Nessas turmas não havia alunos surdos, pois eles estavam matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental em turmas que participariam do curso nos próximos semestres.

Os autores contam que durante o curso foram destinados momentos para reflexões sobre possíveis mitos e crenças sobre a Libras, questões sobre a surdez como diferença linguística, além de discussões sobre identidade e cultura das pessoas surdas. Nesses encontros iniciais, os alunos discutiram sobre a legitimidade da língua e sobre o uso de terminologias inadequadas como linguagem dos sinais, surdo-mudo, mudo. Os alunos destacaram, também, o fato de não terem conhecimentos prévios sobre a língua, mas mostraram interesse e curiosidade sobre ela. De acordo com Gesser (2012), é de extrema importância dialogar e destacar com os alunos ouvintes sobre questões de preconceitos, pois acreditam que os surdos são incapazes pois possuem uma linguagem diferente. Após essas reflexões iniciais, iniciou-se o trabalho com a língua, cujo propósito fundamental era desenvolver as competências comunicativas. A metodologia usada foi apresentação, prática e produção. Os autores relatam que o uso de materiais didático-pedagógicos foram fundamentais para os ouvintes adquirirem o conhecimento da Libras.

Santos (2010, p. 8) “o professor deve apresentar estratégias metodológicas que compreendam as duas línguas, ou seja, quando o for apresentado à língua portuguesa, a mesma deve vir acompanhada da língua de sinais para que os alunos façam uma ponte entre elas”. O autor ainda afirma que “o bilinguismo tem fundamental importância na vida escolar dos surdos e ouvintes já que a Libras e a língua portuguesa serão apresentadas para eles em diferentes espaços sociais”.

Valadão *et al.* (2016) ressaltam que durante os momentos do curso foram preconizados que os aprendizados da língua fossem desenvolvidos a partir de habilidades de linguagem que envolvesse sua função semântica e social. Tais mecanismos envolveram atividades permeadas de brincadeiras, dinâmicas, diálogos e outras produções com enfoque na comunicação. Como recursos didático-pedagógicos foram selecionados ou produzidos vídeos, histórias, cartazes, banners, jogos e outros materiais pertinentes. Ao longo do curso, outros jogos foram utilizados como, por exemplo, trilhas, bingos, dominós e caça ao tesouro. Pimentel e Sabino (2013, p. 5) enfatizam que, no caso da Libras, os alunos aprendem muitos sinais e que o uso de jogos e brincadeiras “é mais que fundamental, é totalmente necessário para que os mesmos possam visualizar e memorizar os sinais estudados”. Sendo assim Pimentel e Sabino (2013, p. 5) acrescentam que “além disso, não é brincar por brincar, o uso de jogos e materiais didáticos possui informações a serem consideradas como: a postura adotada pelo aluno, como se relaciona com os colegas”.

Ainda em relação às metodologias de ensino, os autores Valadão *et al.* (2016) relatam que a proposta do curso buscou se desenvolver com foco nos alunos, promovendo aprendizagens cooperativas e interativas que, baseadas em tarefas, determinassem a apreensão da língua como um todo. Apesar do curso ter um propósito comunicativo, o curso não excluiu a necessidade de um trabalho voltado ao vocabulário e à gramática, ainda que tal enfoque seja tradicionalmente atribuído à abordagem gramatical. Nesse caso, o vocabulário foi considerado importante para o processo de aquisição dessa modalidade de língua e o seu ensino foi promovido de maneira consciente, evitando restringi-lo às listas de palavras isoladas. A apresentação da Libras foi feita de maneira contextualizada, associada a imagens e a possíveis situações de uso, visando ampliar o repertório linguístico dos aprendizes. Durante as aulas também foi permitido o uso de dicionários bilíngues, especialmente dos dicionários digitais, como os disponibilizados pelos aplicativos “HandTalk” e “ProDeaf, além de recursos que são próprios da comunicação em língua de sinais, o ensino da datilologia, ou alfabeto manual. Ao final do curso, os pesquisadores concluíram que:

No contexto escolar, a ação trouxe vários benefícios, pois incentivou a comunicação entre surdos e ouvintes, valorizou as diferenças e contribuiu para construção de um ambiente social saudável. Ensinar Libras aos ouvintes deixa uma abordagem pertinente ao ensino da língua, pois permitiu o desenvolvimento de habilidades comunicativas sem que as características da sua modalidade, que é visuoespacial, fossem desconsideradas (VALADÃO *et al.*, 2016, p. 140).

Sob ponto de vista, Tondinelli (2017) a libras deve ser compreendida e decodificada tanto por surdos quanto para ouvintes, pois haveria uma comunicação ativa, trazendo possibilidades/acessibilidades aos surdos dentro de todos os âmbitos sociais. O autor ainda afirma que “o ensino da Libras como segunda língua para alunos ouvintes significa,

de fato, a inclusão social do surdo, pois entende-se que, desta forma, a criança surda tem mais oportunidades de se desenvolver de forma análoga às crianças ouvintes” (TONDINELLI; BLANCO, 2017). Visto que os surdos devem aprender um sistema bilíngue de ensino, ou seja as duas línguas, Libras como primeira língua e Língua Portuguesa escrita como segunda língua, entende-se que os alunos ouvintes, deveriam obter o mesmo sistema de ensino, aprender a Libras como segunda língua, proporcionando um ambiente interativo aos surdos.

Sobretudo, o terceiro estudo das autoras Lacerda e Morais (2013) apresentou um relato de experiência de um projeto de ensino de Língua Brasileira de Sinais, implementado em uma turma de educação na Rede Municipal de Florianópolis, tinha uma criança surda incluída, que era acompanhada por uma professora de Libras, mas apresentava muita dificuldade de interação com as outras criança. Pensando nesse aspecto, criou-se um projeto de ensino de Libras, como segunda língua, para as crianças ouvintes.

O projeto foi elaborado com a intenção de qualificar as interações da turma com a criança surda e, dessa forma, proporcionar às crianças ouvintes a aprendizagem de uma segunda língua. A proposta pedagógica do projeto pautou-se na releitura do poema de Dulce Rangel, chamado “Um amor de confusão”. A partir da adaptação da história do poema, criou-se uma personagem surda que foi inserida no cotidiano da turma, a presença da personagem surda possibilitou à professora de Libras contextualizar o ensino da língua de sinais e proporcionar às crianças, dinâmicas que problematizasse as diferenças. O ensino da segunda língua na turma envolveu a apresentação de histórias da cultura surda, músicas, rodas de conversa e brincadeiras em Libras. A necessidade de qualificar as relações da criança surda com a turma e o interesse das crianças ouvintes em aprender Libras foram os motivadores da criação da proposta de ensino de Libras como segunda língua. Era urgente e necessário que a Libras fizesse parte do cotidiano da turma e se tornasse a língua de comunicação da criança surda com seus pares.

Como descrito anteriormente, a história do poema adaptada passou a ser a história vivida pelos alunos. Lacerda e Morais (2013) contam que com a proposta do projeto, mais o auxílio da professora de Libras, após a contação da história “a galinha que falava em Libras”, convidaram a turma a procurar seus ovos perdidos. As crianças saíram pela escola em busca dos ovos da galinha e vários ovos perdidos foram encontrados. Já com seus ovos a galinha (personagem) passou a morar na sala e integrar a rotina do grupo. No primeiro contato com a personagem surda, as crianças tentavam conversar com ela, oralizando. Com o tempo, as crianças foram percebendo que a comunicação só poderia acontecer através da Língua de Sinais. As crianças se envolveram no faz de conta e com interesse acompanharam o ninho da galinha aguardando o próximo ovo a ser chocado. A cada nascimento as crianças interagiam em Libras com a galinha. Mesmo com o vocabulário ainda restrito as crianças se comunicavam com a galinha surda e quando não sabiam os sinais utilizavam mímicas e gestos criados por eles.

Como a galinha tinha seu ninho dentro da sala, frequentemente as crianças pediam para brincar com ela nos momentos de brincadeira livre. Nesses momentos as crianças utilizavam os sinais que aprendiam o que possibilitou a inserção da criança surda nas brincadeiras. Além disso, através da personagem a professora de Libras apresentou ao grupo histórias da cultura surda, músicas e brincadeiras em Libras. A música proporcionou as crianças não só a aprendizagem dos sinais, mas também desenvolveu a atenção, percepção visual e expressão corporal. As histórias possibilitaram um contato com a realidade da comunidade surda, ou seja, compreender as especificidades da cultura surda. As brincadeiras preferidas do grupo foram adaptadas e eram realizadas em Libras. Dessa forma, possibilitou-se às crianças ouvintes fazer uso da língua que estavam aprendendo e à criança surda uma participação mais efetiva nas brincadeiras. O ensino da Libras foi implementado na turma durante oito meses e as intervenções da professora de Libras aconteciam duas vezes por semana. Com tudo o ensino da Libras no contexto inclusivo possibilita às crianças ouvintes o aprendizado de uma segunda língua e garante que a criança surda possa utilizar sua língua materna no espaço escolar. Santos (2010, p. 4) ressalta que “a partir do momento que os alunos surdos e ouvintes adquirem as duas línguas eles têm autonomia de prosseguirem seu processo educacional de forma igualitária”.

As autoras Lacerda e Morais (2013) descrevem que as aulas de Libras foram para além da sala de aula, pois os alunos estavam ensinando Libras em casa. Ao final do projeto constatou um resultado significativo da aprendizagem, pois o ensino de uma segunda língua proporciona conhecimento sobre outra cultura, formando maneiras diferentes de ver o mundo e novas experiências de vida, além disso qualificou as relações das crianças dentro e fora do ambiente escolar.

Autores como Uzan *et al.* (2003, p. 2) afirmam que a Libras é um sistema rico de comunicação e vão além ao afirmarem que ela está equiparada a diversas outras línguas existentes. Afirmam que a Libras “é composta por nível linguístico: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica”. Por essa característica, ela “constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos na qual há uma forma de comunicação e expressão, de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria”. Sobre sua origem, os autores afirmam que ela se “baseou primeiramente na Língua de Sinais Francesa, apresentando semelhança em relação a várias línguas de sinais europeias e norte-americanas”.

Segundo Dizeu e Caporali (2005) não se deve negar os direitos que foram conquistados aos surdos que devem ser incluídos em todos os âmbitos sociais, participando da nossa sociedade. Os autores afirmam ainda que além disso, para que o surdo possa desenvolver-se, não basta apenas permitir que use sua língua, é preciso também promover a integração com sua cultura, para que se identifique e possa utilizar efetivamente a língua de sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação dos surdos vem sendo construída em nossa sociedade por meio de ações concretas e iniciativas que viabilizam este processo. Ainda é uma temática pouco discutida diante da importância que tem. Sabemos que a educação é o mais poderoso instrumento para mover a consciência humana, pois, por meio dela ocorrem mudanças frente a tanta desigualdade.

Em vista disso, a literatura tem se mostrado abundante no que diz respeito aos aspectos históricos sobre a educação dos surdos, mas há poucos estudos na literatura que retratam projetos e práticas de ensino de Libras aos ouvintes. É importante que este processo de ensino e aprendizagem ganhe visibilidade e passe a ser oferecido pelas escolas regulares, ou seja, aos alunos ouvintes. Nesse âmbito estaria preparando um ambiente acolhedor para os surdos, essas adaptações permitiriam que os surdos pudessem estudar de igual para igual.

Portanto, por meio dessa pesquisa, ficou evidente a importância da aplicação do ensino de Libras como segunda Língua aos ouvintes, pois a inclusão que existe nas escolas não é suficiente, é necessário que a escola tenha condições e estratégias de ensino preparadas para as pessoas com surdez, tornando um espaço democrático a todos os educandos. Iniciativas de estudos como este podem colaborar com a formação social e educacional. As discussões sobre o tema central do artigo não devem se esgotar, apenas iniciar reflexões e incentivar novas pesquisas contribuindo assim para novos significados.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, M.P.; ALMEIDA, M.E. História de Libras: característica e sua estrutura. *Revista Philologus*, Ano 18, n. 54. Suplemento: Anais da VII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFE-FiL, p. 315-327, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 30 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, 2005a. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 30 maio 2019.

BRITO, L.F. **Integração Social e Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

DIZEU, L. C.T.B.; CAPORALI, S. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação Social**. Campinas, v 26, n. 91, p. 583-597, 2005.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ISIDORIO, A.R. Inclusão: aulas de libras (L2) para crianças ouvintes em uma escola inclusiva no programa mais educação. **Revista Virtual de Cultura Surda**, n. 20, p. 1- 18, 2017.

JESSUS, C.K. A história da escolarização dos surdos; uma análise do passado até os dias atuais. **Revista Visão Universitária**, Cassilândia, v. 3, n. 3, p. 174-185, 2015.

KALATAI, P.; STREIECHEN, E.M. **As principais metodologia utilizadas na educação dos surdos no Brasil**. 2012. Disponível em: <http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.

LACERDA, C.B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 46, p. 1-20, 1998. Disponível em; http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3262199800030000. Acesso em: 16 jul. 2019.

LACERDA, L.L.; MORAIS, C.R.C. O ensino da língua de sinais para crianças ouvintes: uma proposta de bilinguismo às avessas. **XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade da Educação – SIRSSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba/PR, 2013.

LOBO, J.C. **A importância do brincar na educação infantil para crianças de três e a quatro anos**. 2013. 75f. Monografia (Graduação em pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Unisalesiano. Lins/SP. 2013.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MENDES, M.; MENDES, S.F.P. Surdez, libras e inclusão: o pedagogo como mediador. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba/PR, 2011.

NONO, M.A. **Breve histórico da educação infantil no Brasil**. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 5, dez. 2009.

PIMENTEL, I.F. **Jogos adaptados utilizados como recurso pedagógico facilitador para o ensino de libras em castanhal-pa**. Anais I CINTEDI... Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8893>>. Acesso em: 20/05/2019.

SANTOS, N.J.M. Os diferentes métodos utilizados ao longo da história da educação dos surdos no Brasil: da fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos aos Dias. **VI EPEAL. VI Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas. I Encontro de Associação Nacional de Política e Administração em Educação – ANAPE/AL**, 2010.

SCHLUNZEN, E. T. M. *et al.* **História das pessoas surdas: da exclusão à política educacional brasileira atual**. 2012. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf. Acesso em: 23 jul. 2019.

STROBEL, K. **História da educação dos surdos. 2009. 49f. Apostila** (Licenciatura em Libras) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009.

TONDINELLI, M.O; BLANCO, M. B. **Noções básicas de LIBRAS para alunos ouvintes.** Paraná: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Vol. 1, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uenp_mariaozanatondinelli.pdf. Acesso em: 08 ago. 2019.

UZAN, A. J. M. *et al.* A importância da língua brasileira de sinais – (LIBRAS) como língua materna no contexto da escola do ensino fundamental. **XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação** – Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC1396_01_A.pdf. Acesso em: 30 jul. 2019.

VALADÃO, M.N. *et al.* Os desafios do ensino e aprendizagem de libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v.10, n. 15, p. 125-147, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/sabri/Desktop/Site%20p%20o%20atigo%20-%20LIBRAS/2%20Pratica/untitled%20123.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2019.